

22-12-2022

A simbologia de um canarinho “carrancudo”

Annibal Coelho de Amorim

[Médico de Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Um dia desses, durante intervalo da transmissão d’uma partida do escrete canarinho, me vi surpreso com a “nova imagem” do mascote da seleção brasileira de futebol: ele era atarracado e carrancudo e me perguntei, oh Deus, porque será? Ele/a se encontra mais preocupado/a com questões muito pungentes e contemporâneas como a Guerra da Ucrânia; a devastação do Planeta e da Amazônia; as pandemias; a fome que dizima populações; a violência desenfreada em partes do mundo; ? (preenchem vocês os pontinhos) Como não recebi nenhuma resposta divina, resolvi me deter um pouco



em aspectos simbólicos que podem ter concorrido para este perfil tão, digamos, pouco usual para um pássaro que desde sempre se revelou aos olhos de todos(as) como um serzinho doce e gentil. Que razões teriam contribuído para uma imagem tão (antipaticamente) agressiva?

(pode ser até que os leitores Opinativos tenham outros adjetivos mais apropriados, então mais pontinhos) O que me assombrou mais?

A cara brava (como referiu um narrador, “cara de pistola”), ou seu corpo não mais representado como o resultado da fragilidade de um verdadeiro canarinho, mas talvez como mais um produto dos tempos de hoje: “muita bomba para todo o lado” (nas academias, nos espaços em que se exibem corpos talhados para guerrear e, não simplesmente, algo que soe mais a um tênue, empático e representante da fauna preservada (será?) da natureza. Ainda outro dia fiquei a me perguntar (entre dentes) onde foi parar aquela ideia de brasileiro como homem cordial que Sérgio Buarque de Holanda trouxe à tona em “Raízes do Brasil” (1936)?

Olhem bem, mas os tempos atuais não demonstram mais o mesmo caráter de hospitalidade, generosidade e expansividade emocional tão bem explorado pelo escritor, legado da vida rural e colonial brasileira.

“Já era”, diriam os mais jovens. Não sei mas me parece que esta expressão agora coloquial cai como uma luva, pois ao comparar as representações simbólicas de um “canarinho de antes” com o “bravinho de agora”, podemos afirmar que já não se pode chamar sua imagem de cordial, muito menos ainda de generosa, mas revela bem o que podemos chamar do estereótipo do excesso de *Nandrolona*. Logo, o canarinho carrancudo de agora, é o resultado da transformação forçada de um bichinho a quem as crianças queriam pegar nas mãos, em algo que podemos apelidar de *Nandrohominus Amarelis*, uma espécie cultivada em muitas plagas p’orai ... Esse espécime, ao invés de atrair crianças por sua leveza, sutileza no voo e cores que traziam à camisa da seleção a ideia de quem voava ou flutuava em campo.

Como um Mané Garrincha, um Didi, um Pelé, um Gérson, vocês continuem por aqui Hoje o *Nandrohominus Amarelis*, carrancudo que nem só, diria meu avô Aristides, é um ser que afugenta os inocentes fãs e se aproxima mais de um lutador de MMA ou MMC, ou dos policiais paramentados que “fazem incursões em periferias”.

A imagem típica-ideal do *Nandrohominus Amarelis*, portanto, é aterradora e não anima pais e mães a que seus filhos tirem fotos com mascote “feito para lutar”. Sua simbologia fala mais diretamente aos fiéis admiradores da “arte” do fisiculturismo, transplantada agora para a simbologia em que um pássaro representava a arte do “escrete canarinho”. Mas lá se vai o passado

(deixo mais uma porção de pontinhos adjetivantes aos saudosistas)!

Hoje o *Nandrohominus Amarelis* foi feito para dar medo mesmo!

- *Quem é aquele? (pergunta um menino)*

- *É o Canarão ! (responde o pai marombado ou o políça armado até os dentes)*

- *Vai lá ... (insiste o pai, pensando que tá agradando e não se dá conta que aquele símbolo que ali se encontra é o duplo de quem pega o celular e tira um SELFIE (já se deram conta que SELF é o espelho da realidade?))*

A criança (banhada de xixi e medo) se agarra na barra da saia ou bermuda da mãe e pede pelo amor de Deus que não quer tirar foto com pavor de que o Canarrancudo lhe dê uma (preencha os pontinhos).

Que cordialidade, generosidade e expansividade hoje encontramos por aí? Os idênticos se aproximam e repelem os diferentes, que são considerados de “outra espécie”, às vezes rotuladas (..... preenchem os pontinhos). E, pior ainda, discriminadas pela cor da pele ou pelos livros que leram (vou dar só um exemplo do Paulo Freire agora é com vocês)! Resta a saudade de um passado que não volta mais.

Resta a lembrança dos dribles inebriantes de Mané; dos gols de falta antológicos de Zico; das bombas do Roberto Carlos; das entortadas de Júlio César *Uri Geller*; dos elásticos de Rivelino; da genialidade de Pelé, o Deus negro que foi coroado sem ser Rei. De um Maracanã que só se fez realmente cordial, generoso e expansivo emocionalmente, quando mais de 100 mil pagantes viram voar em seu gramado um urubu rei e a torcida da geral delirava, enquanto a “políça d’antão” tentava caçar o bichinho”, rubro-negro, com certeza! (aqui não tem pontinhos).

Hoje o arquétipo é o *Nandrohominus Amarelis*: um monstrengo cheio de músculos, que mal sabe o que está por trás de sua cara carrancuda e raivosa, mas que precisa de uns trocados a mais para pagar as contas do fim do mês (..... preenchem os pontinhos). Tudo isso sem falar que o *Nandrohominus Amarelis* usa a camisa 10. Pelé, por exemplo, não merecia isso, né não ! Não me surpreenderia se um dia, um *paparazzi* da vida surpreendesse a todos nós e, por passe de mágica, revelasse que dentro da fantasia arrancada do *Nandrohominus Amarelis* ressurgisse alguém com cordialidade, generosidade e a expansividade emocional que, durante décadas, fez surgir em nossas mentes sonhos idílicos, em que a natureza sorria viva enquanto canarinhos voavam livres pela Floresta do Alto da Boa Vista ...

E quanto aos sonhos? Quais são os seus em tempos tão (.....)?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.